



A MORFOSSINTAXE NA LIBRAS: UMA ANÁLISE DA CATEGORIA GÊNERO

Lucinéa da Silva Santana

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: nea.santana@yahoo.com.br

Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: Adriana.lessa@gmail.com

Thamires Oliveira de Souza Sampaio

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: thamires1403@hotmail.com

419

INTRODUÇÃO

Este estudo é um recorte de um trabalho de maior dimensão a respeito das propriedades morfossintáticas em libras. As línguas naturais manifestam-se de maneiras diferentes em relação a suas propriedades, principalmente as línguas de sinais por suas particularidades de produção e recepção gesto-visual. Ainda é recente o status de língua atribuído a essas línguas e há um quantitativo bibliográfico, de estudos dessas línguas, bem inferior se comparado às línguas orais, visto que as pesquisas linguísticas são poucas e consistem ainda em um grande desafio.

Em determinadas línguas naturais, como o português, várias propriedades gramaticais se manifestam morfologicamente, para outras, como as línguas de sinais, a manifestação dessas propriedades ainda não está bem delimitada. Desta forma, temos como objetivo investigar a natureza gramatical da propriedade gênero. Como se manifesta essa categoria na língua de sinais brasileira – libras –, morfologicamente ou morfossintaticamente? A nossa hipótese é que a marcação de gênero na libras não ocorra morfologicamente, mas sintaticamente, utilizando-se os sinais “homem” ou “mulher” (traço humano) e “macho” ou “fêmea” (traço animal).

No português identificamos variedades de marcas morfológicas para marcar a categoria de gênero. A tradição gramatical portuguesa estabelece que o gênero apresenta uma forma masculina em -o fazendo oposição a uma forma feminina -a, como ocorre em *gato* e *gata*. O gênero se insere nos aspectos gramaticais como uma categoria flexional, segundo Câmara Jr. ([2000] 1970), ou como uma categoria morfossintática,



segundo Villalva (2003), que defende que, para haver flexão, deve haver regularidade nos processos.

Câmara Jr. [(2000) 1970] propõe uma descrição das propriedades morfológicas do português, contestando o modelo de descrição estabelecido na tradição gramatical. Para este autor o masculino em português é marcado pelo morfema zero (\emptyset), ou seja, não é marcado -o em oposição a um feminino marcado em -a. Nesse esboço a vogal da forma masculina seria uma vogal temática e desta forma, o autor considera as flexões de gênero e de número como manifestadas por uma oposição privativa.

Os argumentos de Câmara Jr. (idem) para sua proposta de morfema \emptyset para o masculino baseia-se na ideia de que -o sendo marca de masculino como em *gato* e *gata* é que nos obrigaria a aceitar outras vogais como marca de gênero como o -e, em *mestre/mestra*. Trazendo para outros contextos, *ponte* (feminino) e *monte* (masculino) essa exposição não se aplicaria.

Argumenta Câmara Jr. (ibidem) que o gênero pode se expressar também por derivação (*embaixador/embaixatriz*), heteronímia (*homem/mulher*) e pelo acréscimo de um adjetivo qualitativo como em *cobra fêmea*. Todavia não considera haver nomes que fazem 'flexão' em gênero por heteronímia no português, "o que há são substantivos privativamente masculinos, e outros, a eles semanticamente relacionados, privativamente femininos" (CAMARA JR., 2000, p. 89), como ocorre nos exemplos *homem e mulher*.

Para Villalva (2003) não ocorre um paradigma flexional para gênero no português, trata-se de uma categoria morfossintática, com processos como contraste de índices temáticos (*aluno/aluna*) ou de palavras (*homem/mulher*), derivação (*barão/baronesa*) ou composição (*águia-macho/águia-fêmea*).

Na libras parece não haver casos de flexão, observamos itens lexicais para marcar o gênero como *homem/mulher e macho/fêmea*. Apresentaremos nossos dados na seção **Resultados e discussão**.

METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza quanto à natureza como uma pesquisa experimental com caráter transversal. Os *corpora* da pesquisa se constituirão das produções em Libras dos sujeitos-informantes. Para obtenção dos dados, realizamos



testes experimentais, através de um caderno de atividades elaborado com questões específicas para a categoria gênero para 9 participantes, 6 surdos e 3 ouvintes fluentes em libras, os quais serão atribuídos a expressão IN-1, IN-2 e assim, sucessivamente. Todas as respostas foram gravadas em vídeo, analisadas através do software de transcrição Elan 6.2, sistema de anotação de vídeo ou áudio sobre dados de gravação. Os dados foram anotados em português e transcritos em Sel (sistema de escrita para língua de sinais)¹ acompanhada de glosas². A transcrição em escrita Sel tem a finalidade não apenas de fazer um registro da articulação dos dados em libras, mas principalmente de submeter os dados ao que estamos utilizando como primeiro instrumento de análise.

421

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados do nosso estudo nos revelam que, na libras, a marcação de gênero ocorre timidamente em contextos isolados. O IF-1 não marcou esta categoria em nenhum contexto isolado. Já no contexto sintático, o gênero se manifesta claramente, conforme os dados a seguir:

(1) HOMEM PROFESSOR, MULHER PROFESSORA OS DOIS SAIR
TRABALHAR.

‘O professor e a professora saíram para trabalhar.’

(2) GATO MACHO, GATO FÊMEA OS DOIS [...] VER PRATO LEITE
BEBER GOSTAR.

‘O gato e a gata viram o prato de leite, beberam e gostaram.’

Um dos informantes que mais marcou gênero em contexto isolado foi o IF5, a seguir os exemplos retirados do *corpus* para traço humano e traço animal:

¹ Para apresentação dos dados em libras na tese será utilizado o sistema da escrita SEL, produzido por Lessa-de-Oliveira (2012). Utilizamos para a transcrição a versão atualizada em Lessa-de-Oliveira (2016). Para informações sobre a escrita SEL consultar o Blog Escrita SEL em: <http://sel-libras.blogspot.com.br/>

² As glosas, nesse caso, são indicações, por meio de itens lexicais do português, do significado dos sinais escritos em SEL.

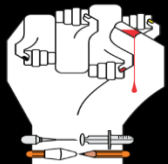


Tabela I - Marcação de gênero na libras

TRAÇO HUMANO	TRAÇO ANIMAL
MULHER PROFESSORA	FÊMEA BOI LEITE = vaca
MULHER VELHA = idosa	FÊMEA OVELHA
MULHER DENTISTA	FÊMEA GALINHA
MULHER CASADA = esposa	FÊMEA CAVALO
MULHER PRINCESA	FÊMEA GATO
MULHER PEQUENA = menina	FÊMEA ELEFANTE
MULHER NADAR = nadadora	FÊMEA LOBO
MULHER INTÉRPRETE	FÊMEA SAPO

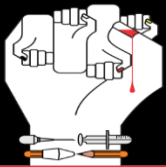
Fonte: Dados das autoras

Os dados supracitados nos mostram que o informante marcou o gênero em todos os exemplos apresentados, tanto no que se refere ao traço humano quanto o traço animal. No entanto, há informantes com pouca recorrência de casos.

O IF-3 marca gênero em contexto isolado para traço humano (MULHER PROFESSORA, MULHER PEQUENA = MENINA, MULHER INTÉRPRETE). Quanto ao traço animal não marca nenhum caso (BOI, COELHO, ELEFANTE, SAPO). Já em contexto sintático o IF-3 marcou gênero para humano (HOMEM NOIVO, MULHER NOIVA SE ENCONTRAR, NOIVAR).

Detectamos também que nossos informantes utilizam o sinal de homem e mulher não apenas para o traço humano, mas também para o traço animal: BOI HOMEM BOI, MULHER LEITE BOI LEITE; MULHER HOMEM SAPO, MULHER SAPO. Na maioria dos casos, quando marcam o gênero para traço animal utilizam o sinal de *homem/mulher*. No entanto, o informante 5 chama a nossa atenção. Em todos os casos utiliza *homem/mulher* e *macho/fêmea* para marcar o gênero: MULHER PROFESSORA, MULHER INTÉRPRETE, FÊMEA BOI, FÊMEA OVELHA.

Diante da pequena amostra dos nossos dados percebemos que ocorrem o processo da heteronímia na marcação de gênero na libras. Não há uma marca morfológica de gênero expressa por nossos informantes.



CONCLUSÕES

Detectamos que na libras não ocorre marcas morfológicas como no português para marcar gênero. A marca para traço humano é definida com o item lexical *homem/mulher*, exceto o sinal de *pai/mãe*, *genro/nora*, estes apresentam itens lexicais próprios. Porém, os sinais *homem/mulher* não são marcas exclusivas para traço humano, muitas vezes referem ao traço animal. Na libras ocorre o processo de marcação de gênero por heteronímia.

423

PALAVRAS-CHAVE: Morfossintaxe. Categoria gênero. Libras.

REFERÊNCIAS

CÂMARA JR., J. M. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1969.

VILALVA, A. Estrutura morfológica básica. In: MATEUS, M. H. M. et. Gramática da língua portuguesa. Lisboa, Caminho, 2003. P. 916 - 983.